

PMDB não entende a dívida, diz Delfim

HELIVAL RIOS

O Brasil nunca esteve tão próximo de uma solução para o problema da sua dívida externa como agora. Um acordo com os credores somente pode não se realizar por causa do PMDB, que não consegue entender nada com relação ao assunto. A solução da dívida, entretanto, passa pelo FMI (Fundo Monetário Internacional). As opiniões são do ex-ministro da Fazenda e do Planejamento, deputado Antonio Delfim Netto (PDS/SP). "A solução da dívida — ressaltar — exige duas coisas fundamentais: inteligência e coragem. E estas são as mercadorias mais escassas no PMDB."

"Eu tinha uma certeza íntima de que o PMDB é o partido moçambicano do Brasil e que queria, realmente, nos transformar num grande Moçambique. Isto, por intuição. Mas, quando eu vi o presidente da EBTU (Empresa Brasileira de Transportes Urbanos) dizendo que a solução para o problema dos transportes urbanos no Brasil é a volta dos bondes, tive certeza. Não é nada por acaso. Há um plano para moçambicar" — diz Delfim.

Para o ex-ministro, "o PMDB é incapaz de entender a questão da dívida externa. E, sendo incapaz de entender o que é isto, é incapaz de entender o seu ministro da Fazenda. Qual a divergência que separa Bresser do seu partido? É que o ministro é um animal pensante" — destaca. A confusão que estão fazendo em torno do deságio da dívida externa, para Delfim Netto é ridícula. "Não há nada mais fantástico do que isto. Preste atenção. Quando Bresser foi a Nova York o deságio brasileiro era da ordem de 35%. Quando ele voltou, o deságio era de 40%. Quer dizer, o ministro teve um grande sucesso. Mas não foi o sucesso que todos desejávamos. Porque sucesso mesmo seria aumentar o deságio para 100%. Ai a gente não devia mais nada, e estava tudo resolvido. Podíamos esquecer os credores."

"Vamos supor — prossegue Delfim Netto — que um banco árabe tenha um milhão de dólares de créditos brasileiros. E vamos supor também que ele se canse de ouvir conversa mole, coisa de samba, batida de coco, abacaxi com limão, e decida vender este milhão de dólares para outro banco. Ora, vai vender o crédito com o Brasil por US\$ 600 mil, portanto, com um deságio de 40%. Muito bem. O banco árabe receberia os US\$ 600 mil e debitará um prejuízo de US\$ 400 mil. Quando esse milhão de dólares fosse cobrado do Brasil, o País abateria um milhão de dólares da sua dívida. Está certo? Onde é que está o lucro para ser dividido? Tem é um prejuízo de US\$ 400 mil a ser contabilizado no banco árabe."

Um outro argumento utilizado é se o Banco do Brasil tivesse dinheiro para comprar esse crédito com deságio. E daí? Se ele tivesse dinheiro, seria um grande negócio para o Banco do Brasil. Ele compraria a dívida brasileira de um milhão de dólares por US\$ 600. Se o ministro da Fazenda do Brasil andasse nu na Quinta Avenida, em Nova York, e fingisse que é louco, a dívida brasileira ia valer zero. Portanto, estava resolvido o problema. Pense um pouco nisto para verificar como é infantil esta solução. Bresser não se saiu bem, não. Ele conseguiu elevar o deságio de 35 para 40%. Se ele tivesse sido um pouquinho mais extravagante, teria conseguido elevar para 80%.

"Você quer outro exemplo? — indaga Delfim Netto. Suponha que um brasileiro patriota arranje 36 milhões de cruzados, digamos, para pagar 10% ao mês, e compre tudo em dólar no câmbio negro, a Cz\$ 60,00 por dólar. Em seguida ele pega esses dólares e compra o título árabe, de um milhão da dívida externa brasileira. O que aconteceu? O Brasil teve sua dívida abatida em um milhão de dólares. O sujeito que fez a operação, com esses US\$ 600 mil, receberá Cz\$ 47 milhões, pela conversão de um milhão de dólares — valor nominal do crédito adquirido dos árabes — no câmbio oficial (a Cz\$ 47,00 o dólar). Teve, portanto, um lucro de Cz\$ 11 milhões. Quer dizer, qualquer brasileiro pode fazer esta arbitragem. O Brasil não perdeu nada. Abateu um milhão de dólares da sua dívida, e quem perdeu foi o banco árabe. E é preciso lembrar ainda que o deságio existe para um mercado muito pequeno. Se esta mesma operação se expandisse, obviamente o câmbio negro dispararia e no fim não haveria lucro nenhum para o intermediador. Por isso eu volto a insistir: isso é proposta de criança de colo, amamentada com leite de magnésia."

Outra "grande tolice", para Delfim Netto, é a reivindicação do spread zero: "Se for negociado um spread zero, os juros sobem, para compensar o spread. Os custos não podem desaparecer apenas porque nós queremos" — afirma.

Para Delfim Netto, o Brasil somente será um país desenvolvido e maduro, quando for capaz de enfrentar com maturidade os seus problemas. "O Brasil — assinala — tem de entender uma coisa elementar. É que os cem bilhões de dólares da dívida estão no Brasil produzindo. E, Tucuruí e Tubarão são estradas de ferro e de rodagem. O Plano Macroeconômico diz que a relação produto/capital é de 0,4. Se esta relação é verdadeira, pense o que está rendendo os cem bilhões de dólares da dívida. Quarenta bilhões de dólares."

(Brasília — Agência Estado)